

8º Período

Libras para Licenciatura em Espanhol

*Ana Regina e Souza Campello
Ronice Muller de Quadros*

Florianópolis, 2011.

Governo Federal

Presidente da República: Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação: Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância: Carlos Eduardo Bielschowsky

Coordenador da Universidade Aberta do Brasil: Celso José da Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata

Vice-reitor: Carlos Alberto Justo da Silva

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes

Pró-reitora de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo

Pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique
Vieira da Silva

Pró-reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso

Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante

Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretor Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti

Chefe do Departamento: Adriana C. K. Dellagnelo

Coordenadoras de Curso: Maria José Damiani Costa

Vera Regina de A. Vieira

Coordenadora de Tutoria: Raquel Carolina Souza Ferraz D'Ely

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez

Equipe: Gabriela Medved Vieira

Pricila Cristina da Silva

Adaptação: Laura Martins Rodrigues

Comissão Editorial

Adriana Kuerten Dellagnello
Maria José Damiani Costa
Meta Elisabeth Zipser
Lêda Maria Braga Tomitch
Vera Regina de Aquino Vieira

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperídia

Coordenação: Cristiane Amaral, Talita Ávila Nunes, Thiago Rocha Oliveira,
Diagramação: João Paulo Battisti de Abreu, Pedro Gomides Lopes, Thiago
Rocha Oliveira
Ilustrações/Tratamento de imagem: Tarik Assis
Revisão gramatical: Daniela Piantola

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfica
Designer Instrucional: Luiziane da Silva Rosa

*Copyright@2011, Universidade Federal de Santa Catarina
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

C193l Campello, Ana Regina e Souza

Libras para licenciatura em Letras-Espanhol / Ana Regina
e Souza Campello, Ronice Muller de Quadros. -- Florianópolis:
LLE/CCE/UFSC, 2011.

UFSC. Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol,
modalidade a distância.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Ensino de Matemática. I
Quadros, Ronice Muller de. II. Título.

CDU 800

Catálogo da fonte: José Paulo Speck Pereira – CRB 14/1270

Sumário

Tópico A..... 9

1. História e características da Língua de Sinais

Brasileira.....11

1.1 Propriedades das línguas e das línguas de sinais.....16

1.2 Mitos em relação às línguas de sinais18

Tópico B..... 23

2. Introduzindo alguns conceitos25

2.1 Usando classificadores de diferentes tipos na língua de
sinais brasileira26

Tópico C..... 43

3 A língua de sinais e a língua espanhola.....45

3.1 O que é *Lengua de Señas* do povo hispânico?45

3.2 Alguns apontamentos iniciais sobre Integração
de Surdos.....47

Referências 50

Apresentação

Caro estudante,

A disciplina Espanhol em Língua de Sinais Brasileira – é inaugurada pela primeira vez no Curso de Espanhol na modalidade à Distância - EAD. Esta disciplina tem uma carga horária de 30 horas mais 30 horas de atividades práticas, somando 60 horas. Nesse contexto, em cada tema, separamos textos com roteiros de leituras e atividades práticas. Assim, vocês irão perceber que esta disciplina apresenta uma carga maior de atividades.

A disciplina estará desconstruindo os mitos já estabelecidos na sociedade a respeito das línguas de sinais. Organizamos este trabalho de forma a contextualizar noções básicas do ensino de Espanhol através da língua de sinais e do espaço de sinalização. Assim, nosso objetivo geral é situar o ensino de Espanhol através da língua sinais e trazemos como objetivos específicos:

- Desconstruir os mitos estabelecidos socialmente com relação às línguas de sinais.
- Analisar as propriedades das línguas humanas e sua relação com as línguas de sinais.
- Visualizar os conceitos da língua espanhola através da língua de sinais brasileira.
- Desenvolver o raciocínio lógico e visual através dos recursos visuais, figuras, pensamentos e citações.
- Enfrentar situações novas, compreensão, elaboração dos planos e resoluções dos problemas.
- Conhecer as primeiras aplicações básicas da Língua de Sinais Espanhola.
- Tornar a disciplina mais interessante e motivada.

Para organizar o estudo, a disciplina de Espanhol em Língua de Sinais Brasileira está pensada em três tópicos e cada tópico tem a tradição de combinar figuras, vídeos e textos em espanhol ou português, traduzido em língua de sinais brasileira ou espanhola. Também é apresentado por meio de hi-

per textos básicos, links, vídeo, chat, atividades, sugestões de referências e animações. Assista ao DVD e vídeos no AVEA para uma compreensão geral da disciplina.

O tópico A – Língua de Sinais é Língua – apresenta a História da Língua de Sinais Brasileira, propriedades das línguas e das línguas de sinais, mitos em relação à língua de sinais.

Destaca também a importância de os alunos resgatarem conceitos sobre língua e sua importância da língua de sinais na escola inclusiva e o papel do professor de espanhol nesse contexto linguístico.

Já o Tópico B – Aprendendo a se comunicar na língua de sinais brasileira – ajudará a você a identificar os sinais como cumprimentos, ambientes, tempo, família, descrições das coisas e das pessoas, localização no espaço, léxico em geral, etc. Você aprenderá a usar os vários tipos de classificadores, a compreender a configuração de Mãos e Gramática da língua de sinais brasileira.

Por último, no tópico C – A língua de Sinais e a Língua Espanhola – pretende inseri-lo, embora panoramicamente, no contexto da língua de sinais em uma língua estrangeira, neste caso o espanhol. Assim, você conhecerá os conceitos dos sinais nos conteúdos escolares para alunos surdos: diferença e aproximações das línguas de sinais: exemplos, traduções, links para habituar ou despertar as curiosidades da língua de sinais espanhola e sua reflexão em torno de duas línguas distintas.

Esperamos que estas temáticas ajudem você a se preparar para a sala de aula.

Desejamos a todos um bom estudo.

Ana Regina e Souza Campello

Ronice Muller de Quadros

Tópico A

Língua de Sinais é Língua



1 História e características da Língua de Sinais Brasileira

A Língua de Sinais tem a sua cronologia histórica quando, em 1855, o ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys, e o embaixador da França, Monsieur Saint George, juntamente com a corte do Rio de Janeiro, apresentaram o conde e professor surdo E. d. Huet, ex-diretor do Instituto de Bourges, ao ex-imperador Dom Pedro II, incentivando-o a criar um educandário destinado ao ensino de surdos-mudos. É que seria mais uma política pública com uma tendência mundial a criação de escolas de ensino e também de residenciais para “deficientes”.

Os primeiros surdos, um menino de 10 e uma menina de 12 anos, foram destinados inicialmente ao Colégio Vassinon. É fácil notar que no tempo imperial existia, não “por acaso”, um número significativo de pessoas surdas no Rio de Janeiro. Eles existiam e foram acolhidos para serem educados na escola de surdos. Como coloca MOURA (2000 p.81-82):

[...] se deu através de Língua de Sinais, pode-se deduzir que ele utilizava os Sinais e a escrita, sendo considerado inclusive o introdutor de Língua de Sinais Francesa no Brasil, onde ela acabou por mesclar-se com a Língua de Sinais utilizada pelos Surdos em nosso país. O currículo por ele apresentado, em 1856, colocava disciplinas como português, aritmética, história, geografia e incluía “linguagem articulada” e “leitura sobre os lábios” para os que tivessem aptidão para tanto

Bacellar (1926, p. 83) afirma que a constituição da Língua de Sinais Brasileira se deu em 1º de janeiro de 1856, com o programa de ensino aos alunos surdos, no Colégio Vassinon. O Marquês de Abrantes, incumbido de acompanhar o trabalho do professor Huet, escreveu carta a Dom Pedro II relatando os êxitos dos resultados e o cumprimento dos deveres. Ele se empenhou na tarefa de formar uma comissão de pessoas importantes para promover a fundação de um Instituto de Educação de Surdos-Mudos, atual [Instituto Nacional de Educação de Surdos](#).



O professor e diretor surdo E. d. Huet, que já usava a língua de sinais.



Portanto, pode-se afirmar que a base da língua de sinais brasileira foi a Língua de Sinais Francesa (LSF). A influência da LSF no território brasileiro é confirmada por meio das obras didáticas para surdos, publicadas no Brasil.



As obras didáticas para surdos publicadas na França foram traduzidas da Língua Francesa para a Língua Portuguesa na gestão de Tobias Leite, dezenove anos depois. Nessa mesma gestão, a tradução dos livros didáticos possibilitou o entendimento dos conteúdos aos surdos. Um dos exemplos: o dicionário *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, pelo surdo Flausino José da Gama, cujos desenhos foram copiados em 1875, alterando as palavras francesas para a língua portuguesa.

Eram os anos de “ouro” que duraram pouco para a comunidade surda, já que no Congresso de Milão, em 1880, com a presença de professores de surdos, chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oral Puro. Foi uma reviravolta para a comunidade surda, que passou a ser submetida à modalidade oral. Mas foram criadas muitas associações de surdos, que passaram a preservar a língua de sinais: desde então surgiram 180 Associações de Surdos, Federações Desportivas de Surdos, Confederação Brasileira de Desportos de Surdos e Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

O estudo sobre a Língua de Sinais começou na década de 1980, em Recife, e o primeiro Boletim sobre o assunto, o GELES, foi fundado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Inicialmente, a língua de sinais utilizada pelos surdos das capitais do Brasil foi denominada pela sigla LSCB, ou seja, Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. Essa denominação deveu-se ao fato de já sabermos da existência de outra língua de sinais no Brasil, a LSUK – Língua de Sinais dos índios Urubus-Kaapor –, descoberta por um linguista americano do Summer Institute e sobre a qual mais tarde a linguista Lucinda Brito realizou um estudo e registros em seus livros.

No contexto político e linguístico, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) denominou a língua de sinais como

LIBRAS para defender e preservar a língua de sinais brasileira. Alguns linguistas a denominam de LSB devido à nomenclatura do padrão internacional da língua de sinais que é Língua de Sinais Brasileira – LSB.

Para chamar a atenção a respeito da Língua de Sinais, foi realizado o II Congresso Latino-americano de Bilinguismo, que foi um marco histórico para a introdução da proposta de educação bilíngue para os Surdos – já estávamos defendendo essa proposta e mostrando que a Língua de Sinais é uma língua de verdade!!

E mais tarde, vários linguistas começaram a publicar artigos e livros sobre Língua de Sinais Brasileira, como [Lucinda Brito](#), [Eulália Fernandes](#), [Ronice Quadros](#), [Lodenir Karnopp](#), [Tanya Fellipe](#), e muitos outros.

Em 1996, na Câmara Técnica, em Petrópolis, com o apoio da CORDE, que organizou esse evento para dar subsídio ao Projeto de Lei da Senadora Benedita da Silva, juntamente com a FENEIS, propusesse a oficialização da LIBRAS em âmbito nacional. Para reforçar a credibilidade e necessidade da divulgação do projeto de Lei, foi criada uma metodologia para o ensino de LIBRAS pela FENEIS, com a primeira edição do material *LIBRAS em contexto* em contexto em parceria com MEC.

Para obter os direitos de comunicação e de acessibilidade; os direitos linguísticos e de respeito à cultura surda; uso de instrução e difusão da Língua de Sinais no âmbito nacional, foi organizado o documento *A educação que nós surdos queremos*, elaborado pela comunidade surda a partir do Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado em Porto Alegre (RS), entre os dias 20 e 24 de abril de 1999. Para difusão da Língua de Sinais Brasileira, foi criado um Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos / MEC com o objetivo de:

- Em educação, assegurar ao surdo o direito de receber os mesmos conteúdos que os ouvintes, mas através de comunicação visual. As formas conhecidas em comunicação visual importantes para o ensino do surdo são: línguas de sinais, língua portuguesa, e outras línguas no que tange à escrita, leitura e gramática;

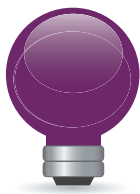


Tanya Fellipe



- Promover a capacitação dos professores de surdos no sentido de que os mesmos tenham linguagem acessível em línguas de sinais para atender aos educandos surdos;
- Garantir a formação e atualização dos professores ouvintes de surdos de modo a assegurar qualidade educacional. Formar os professores de surdos, em cursos superiores e de extensão, no conhecimento da cultura, comunidade e língua dos surdos;
- Apoiar tecnicamente as instituições de educação média e superior na inclusão de Libras como componente curricular dos cursos de formação de professores e de fonoaudióloga do sistema federal de ensino;
- Apoiar técnica e financeiramente cursos de capacitação de professores (surdos e ouvintes) e instrutores surdos dos sistemas estaduais, municipais e do Distrito Federal, para o ensino de Libras em sala de aula;
- Apoiar técnica e financeiramente cursos de capacitação de professores dos sistemas estaduais, municipais e do Distrito Federal, para o uso da Libras em sala de aula, como língua de instrução;
- Apoiar técnica e financeiramente cursos de capacitação de professores dos sistemas estaduais, municipais e do Distrito Federal, para que se tornem bilíngües (Libras/Língua Portuguesa), para exercer a função de tradutor e intérprete de Libras em sala de aula.

Com o engajamento do reconhecimento da Língua de Sinais da comunidade Surda, foi criada uma Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e seu Decreto 5.626/ 2005 que garante os direitos dos Surdos no seu status lingüísticos, que oferece a acessibilidade em todos os níveis (estudo fundamental até pós-graduação), como a abertura do primeiro Curso de Letras – Libras através da educação à distância.



Atividades para Reflexão

Nos sites abaixo relacionados há maiores informações sobre esse assunto, veja-os e depois comente com seus colegas a sua impressão relacionando com a história de Língua de Sinais no Brasil.

www.ines.org.br

www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf

www.feneis.org.br

www.cbds.org.br

www.legendanacional.com.br

www.institutosantateresinha.org.br

www.assp.com.br

Roteiro para a análise

1. Após a leitura dos textos dos sites mencionados acima, é possível dizer que há discriminação contra a Língua de Sinais? Justifique sua resposta.
2. Quais as contribuições que a Língua de Sinais Brasileira oferece na escola inclusiva ou “escola para todos”?
3. Qual é a Associação de Surdos mais próximo da sua residência? Cite o nome e descreva como ela é?

1.1 Propriedades das línguas e das línguas de sinais

Veja por que as línguas de sinais apresentam as propriedades das línguas humanas:

Propriedades das línguas humanas nas línguas de sinais

Flexibilidade e versatilidade

As línguas apresentam várias possibilidades de uso em diferentes contextos.

As línguas de sinais são usadas para pensar, são usadas para desempenhar diferentes funções. Você pode argumentar em sinais, pode fazer poesia em sinais, pode simplesmente informar, pode persuadir, pode dar ordens, fazer perguntas em sinais.

Veja os exemplos em língua de sinais no Vídeo 1 disponibilizado no AVEA.

Arbitrariedade

A palavra (signo lingüístico) é arbitrária porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua.

As línguas de sinais apresentam palavras em que não há relação direta entre a forma e o significado. Veja os exemplos em língua de sinais no Vídeo 2 disponibilizado no AVEA.

Descontinuidade

Diferenças mínimas entre as palavras e os seus significados são descontinuados por meio da distribuição que apresentam nos diferentes níveis lingüísticos.

Na língua de sinais verificamos o caráter descontínuo da diferença formal entre a forma e o significado. Há vários exemplos que ilustram isso, por exemplo, o sinal de MORENO e de SURDO são realizados na mesma locação, com a mesma configuração de mão, mas com uma pequena mudança no movimento, mesmo assim nunca são confundidos ao serem produzidos em um enunciado. Tais sinais apresentam uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro de um determinado contexto.

Veja exemplos em língua de sinais no Vídeo 3 disponibilizado no AVEA.

Criatividade/produtividade Você pode dizer o que quiser e de muitas formas uma determinada informação seguindo um conjunto finito de regras. A partir desse conjunto, você pode produzir uma sentença infinita nas línguas humanas.

As línguas de sinais são produtivas assim como quaisquer outras línguas. Veja exemplos em língua de sinais no Vídeo 4 disponibilizado no AVEA.

Dupla articulação

As línguas humanas apresentam duas articulações: a primeira é das unidades menores sem significado e a segunda, das unidades que combinadas formam unidades com significado.

As línguas de sinais também apresentam o nível da forma e o nível do significado. Por exemplo, as configurações por si só não apresentam significado, mas ao serem combinadas formam sinais que significam alguma coisa.

Veja o exemplo em língua de sinais no Vídeo 5 disponibilizado no AVEA.

Padrão

As línguas têm um conjunto de regras compartilhadas por um grupo de pessoas.

As línguas de sinais são altamente restringidas por regras. Você não pode produzir os sinais de qualquer jeito ao usar a língua de sinais brasileira, por exemplo. Você deve observar suas regras.

Veja o exemplo em língua de sinais no Vídeo 6 disponibilizado no AVEA.

Dependência estrutural

Há uma relação estrutural entre os elementos da língua, ou seja, eles não podem ser combinados de forma aleatória.

Também é observada uma dependência estrutural entre os termos produzidos nas línguas de sinais.

Veja exemplos em língua de sinais no Vídeo 7 disponibilizado no AVEA.

Quadro 1. Propriedades da Língua de Sinais



Atividades para reflexão

Acesse alguns dicionários de LIBRAS disponíveis on-line como: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>> e <www.dicionariolibras.com.br>. Neles, além de você aprender todos os sinais e ver que a língua de sinais é extremamente versátil, você poderá compreender as propriedades listadas anteriormente.

Como atividade de reflexão, comente a sua impressão relacionando com as propriedades listadas.

Os vídeos do primeiro site estão disponíveis para compra pelo site <www.lsbvideo.com.br>, ou faça consulta nas bibliotecas do polo de EAD.

Mito

Narrativa de significação simbólica, e que encerra uma verdade cuja memória se perdeu no tempo. (AURÉLIO, 1993).

1.2 Mitos em relação às línguas de sinais

Várias pessoas acreditam em coisas que não necessariamente são verdadeiras. Observamos nos discursos das pessoas que não conhecem os surdos e as línguas de sinais que há uma série de crenças que não correspondem à realidade. As pessoas pensam essas coisas sobre as línguas de sinais, porque por muitos anos houve ideias a respeito disseminadas por questões filosóficas, religiosas, políticas e econômicas. Talvez você mesmo pense que essas coisas sejam verdadeiras. Não se sinta culpado, pois isso é fruto do desconhecimento. Apesar do impacto dessas concepções, as pesquisas avançaram muito e nos mostraram elas são equivocadas.

Apresentaremos, portanto, evidências para desmistificar tais ideias. Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) organizaram uma lista de mitos, que são apresentados a seguir:

Mitos	Desmistificação
<p>1 – A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.</p>	<p>Tal concepção está atrelada à idéia filosófica de que o mundo das idéias é abstrato e que o mundo dos gestos é concreto. O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos. Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto às palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer idéias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas.</p>
<p>2 – Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.</p>	<p>Esta idéia está relacionada com o mito anterior. Se as línguas de sinais são consideradas gestuais, então elas são universais. Isto é uma falácia, pois as várias línguas de sinais que já foram estudadas são diferentes umas das outras. Assim como as línguas faladas, temos línguas de sinais que pertencem a troncos diferentes. Temos pelo menos dois troncos identificados, as línguas de origem francesa e as línguas de origem inglesa. Provavelmente, nossa língua de sinais pertence ao tronco das línguas de sinais que se originaram na língua de sinais francesa.</p>

3 – Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.

Como as línguas de sinais são consideradas gestuais, elas não poderiam apresentar a mesma complexidade das línguas faladas. Isso também não é verdadeiro, pois em primeiro lugar as línguas de sinais são línguas de fato. Em segundo lugar, as línguas de sinais independem das línguas faladas. Um exemplo que evidencia isso claramente é que a língua de sinais portuguesa é de origem inglesa e a língua de sinais brasileira é de origem francesa, mesmo sendo o português a língua falada nos respectivos países, ou seja, Portugal e Brasil. Como estas línguas de sinais pertencem a troncos diferentes, elas são muito diferentes uma da outra. É claro que não podemos negar o fato de ambas as línguas estarem em contato, principalmente entre os surdos letrados. O que se observa diante deste contato é que, assim como observado entre línguas faladas em contato, existem alguns empréstimos lingüísticos. Para além disso, as línguas de sinais não têm relação com as línguas faladas do seu país. Elas são autônomas e apresentam o mesmo estatuto lingüístico identificado nas línguas faladas, ou seja, dispõem dos mesmos níveis lingüísticos de análise e são tão complexas quanto às línguas faladas.

4 – A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e lingüisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.

Como as línguas de sinais são tão complexas quanto às línguas faladas, esta afirmação não procede. Nós já vimos que as línguas de sinais podem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas. Você pode usar a língua de sinais para produzir um poema, uma estória, um conto, uma informação, um argumento. Você pode persuadir, criticar, aconselhar, entre tantas outras possibilidades que se apresentam ao se dispor de uma língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, mas sim, tão lingüisticamente reconhecida quanto qualquer outra língua.

5 – As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.

A idéia de que a língua de sinais seja gestual também reaparece neste mito. As pessoas pensam que as línguas de sinais são de fácil aquisição por estarem diretamente relacionadas com o sistema gestual utilizado por todas as pessoas que falam uma língua. Como isso não é verdade, as línguas de sinais são tão difíceis de serem adquiridas quanto quaisquer outras línguas. Precisamos de anos de dedicação para aprendermos uma língua de sinais, mas com base neste mito, as pessoas pensam que sabem a língua de sinais por usarem alguns gestos e alguns sinais que aprendem nas aulas de língua de sinais. A comunicação gestual usada exclusivamente é extremamente limitada, pois torna inviável a comunicação relacionada com questões mais abstratas. Assim, você vai precisar da língua de sinais para poder comunicar estas idéias. É verdade que você pode comunicar algumas coisas utilizando apenas gestos, assim como você faz quando chega a um país em que é falada uma língua desconhecida por você. Mas, também é verdade que você estará limitado à identificação direta entre o gesto e sua intenção, sem poder entrar em níveis de detalhamento necessário para transcorrer sobre um determinado assunto. Para transcorrer sobre um determinado assunto qualquer, você vai precisar de uma língua. No caso da comunicação com surdos, você vai precisar da língua de sinais.

6 – As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

As pesquisas com surdos apresentando lesões em um dos hemisférios apresentam evidências de que as línguas de sinais são processadas lingüisticamente no hemisfério esquerdo da mesma forma que as línguas faladas. Existe sim uma diferença que está relacionada com informações espaciais, pois estas, além de serem processadas no hemisfério esquerdo com suas informações lingüísticas, são também processadas no hemisfério direito quanto às suas informações de ordem puramente espacial. Assim, parece haver um processamento até mais complexo do que o observado em pessoas que usam línguas faladas. As investigações concluem que a língua de sinais é um sistema, que faz parte da linguagem humana, processado no hemisfério esquerdo e no hemisfério direito.

Quadro 2. Mitos em relação à Língua de Sinais.
Fonte: Quadros; Karnopp (2004)

Assim, Quadros e Karnopp (2004, p. 36-37) concluem esta análise dos mitos observando que:

tais concepções equivocadas em relação às línguas de sinais compartilham traços comuns, assinalando um estatuto lingüístico inferior em relação ao plano da superfície. Todavia, as investigações mostram que as línguas de sinais, sob o ponto de vista lingüístico, são completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise.



Atividades para reflexão

- a. Identifique os mitos que aparecem nos diálogos a seguir, justificando a sua resposta:
- b. Agora, assista os vídeos disponibilizados no AVEA acompanhando os diálogos a seguir. Assista-os quantas vezes achar necessário. Observe como se comunicam e reflita sobre o que estão dizendo.

Diálogo 1. (Vídeo 8)

1. Meus pais são surdos.
2. É mesmo?!!! Como você aprendeu a sinalizar?
 1. Aprendi a língua de sinais com eles e o português com vizinhos e outros parentes.
 2. Mas a língua de sinais é língua? Como eles ensinaram as coisas para ti?

Diálogo 2. (Vídeo 9)

2. Como você se comunica com eles?
 1. Eu uso a língua de sinais brasileira, eles me ensinaram todas as coisas por meio dessa língua.

2. Língua de sinais brasileira? Não é tudo igual no mundo inteiro?

Diálogo 3. (Vídeo 10)

2. Eu pensei que era tudo gesto. Nunca imaginei que fosse uma língua, mas é língua de verdade mesmo? Parece gesto.....
1. Não, é língua, assim como o português.

Diálogo 4. (Vídeo 11)

2. Ah, então é o português que vocês fazem como gesto.
1. Não, não tem nada haver com a língua portuguesa.
2. Eu pensei, então, que esses gestos vocês colocavam na estrutura da língua portuguesa.

Diálogo 5. (Vídeo 12)

2. Eu fico pensando, como os teus pais te ensinaram coisas abstratas, como explicar o que é certo e errado, falar sobre sentimentos, idéias...
1. Do mesmo jeito que os pais fazem quando ensinam as crianças, explicando, só que na língua de sinais.

Tópico B

Aprendendo a se comunicar na Língua de Sinais



2 Introduzindo alguns conceitos

Na aula presencial, nos vídeos disponibilizados no AVEA ou no DVD do Curso de Língua de Sinais Brasileira para Ouvintes – vol. 1 Básico, disponível para compra pelo site <www.lsbvideo.com.br> você vai aprender alguns conceitos que vão auxiliar no seu entendimento da língua de sinais brasileira.

- Nome dos alunos

Tem o objetivo de identificar os nomes dos colegas através dos sinais e da localização espacial.

- Conhecendo alguém

Tem o objetivo de identificar os nomes dos colegas, quem é quem na sala de aula.

- Igual, diferente e parecido

Tem o objetivo de comparar pessoas, coisas e formas.

- Conhecendo alguém melhor

Tem o objetivo de conhecer os números cardinais.

- Passeando no shopping

Tem o objetivo de conhecer os números ordinais.

- Fazendo as contas

Tem o objetivo de discernir os números de quantidade, dos números cardinais e ordinais.

- Descrever as pessoas de acordo com sua aparência e localização no espaço

Tem o objetivo de descrever as pessoas de acordo com sua aparência e localização no espaço.

- Línguas, diferenças e similaridades

Tem o objetivo de discutir sobre o estatuto lingüístico da língua de sinais brasileira. Explorar o espaço da sinalização.

- Descrevendo coisas

Tem o objetivo de usar classificadores e os sinais das cores para realizar descrições.

- Ambientes. Que lugar é este?

Tem o objetivo de conhecer os sinais para diferentes ambientes.

- Tempo

Tem o objetivo de situar a conversação no tempo.

- Família

Tem o objetivo de situar os membros de diferentes famílias.

2.1 Usando classificadores de diferentes tipos na língua de sinais brasileira

Nas línguas orais, como nas tribos da África, da Austrália, e algumas ilhas da Oceania e do Brasil, as classificações ou descrições imagéticas podem se manifestar de várias formas. No Brasil, a indexação das classificações nas palavras (ou léxicos) pode ser:

- uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em masculino e feminino: menina - menino;
- e ainda pode ser uma desinência (plural e tempo) que se coloca no verbo para estabelecer concordância.

Ao se atribuir uma qualidade ou quantidade a uma determinada coisa como, por exemplo, arredondada, quadrado, cheio de bolas, de listras, etc, representa um tipo de classificação porque é uma descrição imagética (através de adjetivo ou substantivo). Porém, isso não quer dizer que seja, necessariamente, um classificador ou descrição imagética como se vem trabalhando este conceito nos estudos lingüísticos.

Na LIBRAS, os classificadores ou descrições imagéticas são utilizados através de configurações de mãos, expressões faciais e corporais que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância ou para mostrar as imagens.

As classificações possuem estas categorias abaixo relacionadas:

2.1.1 Classificadores descritivos

As descrições visuais podem ser captadas de acordo com as imagens dos objetos animados ou inanimados. Observam-se aspectos tais como: som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, “olhar”, sentimentos ou formas visuais, bem como a localização e a ação incorporada ao classificador. Essa classificação pode ter até três dimensões:

- a. dimensional - dar dimensões determinadas e adequadas de acordo com o que está sendo visualizado;
- b. bidimensional – dar o dobro das dimensões determinadas adequando-as ao que está sendo visualizado;
- c. tridimensional – dar as três dimensões do que está sendo visualizado dando a sensação de penetração do relevo visual.

Na descrição visual para referir a forma, tamanho, textura, paladar, cheiro, sentimentos, “olhar”, ou desenhos de forma assimétrica ou simétrica é utilizado, dependendo da situação, uma mão ou duas. Acompanhe a seguir as imagens e suas descrições nos vídeos disponibilizados no ambiente virtual.



A forma, a textura e o tamanho da mochila

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 13.



A forma e o paladar do abacaxi

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 14.



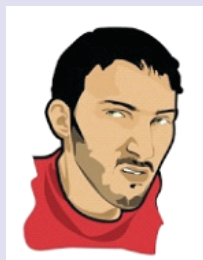
A forma, a força do jacaré

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 15.



Sentimentos de uma pessoa surda conhecendo outra pessoa ouvinte

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 16.



Olhar de um homem ciumento e bravo

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 17.

Quadro 3. Classificadores descritivos

Há também o classificador descritivo locativo que envolve uma ação que determina o objeto em relação ao outro objeto, seja animado ou inanimado. São usados com uma ou duas configurações de mãos.



Surfando

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 18.



Carro batendo no poste

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 19.



Moto voando na pista

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 20.



Árvore sendo cortada

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 21.

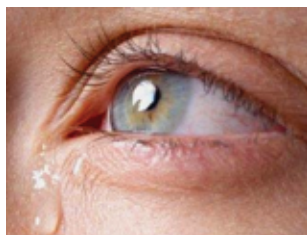
Quadro 4: Exemplo de classificador descritivo locativo

Outro classificador descritivo envolve uma ação ou posição de várias partes do corpo humano, objetos animados e inanimados.



Boca de jacaré

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 22.



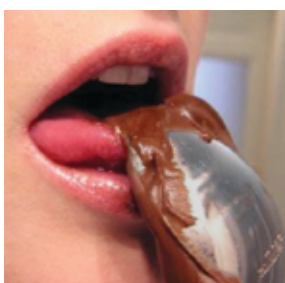
Lágrima saindo dos olhos

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 23.



Mentir faz nariz crescer

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 24.



Língua saboreando comida gostosa

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 25.

Quadro 5: exemplo de classificador descritivo de ação e posição

2.1.2 Classificadores especificadores

A sua função é descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, os sentimentos, o “olhar”, os “sons” do material, do corpo da pessoa e dos animais.



Som do relógio do despertador

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 26.



Forma humana

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 27.



Celular tocando no quadril

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 28.



Forma animal (quatro patas)

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 29.

Quadro 6: Classificadores especificadores

Há também os classificadores que especificam elementos gasosos.



Fumaça do cigarro

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 30.



Fumaça da explosão da bomba atômica

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 31.



Fumaça do churrasco

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 32.



Fumaça do fogão a lenha

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 33.

Quadro 7: Exemplo de classificador especificador: elementos gasosos.

Outro especificador é a descrição dos símbolos e nomes das logomarcas.



Mcdonalds

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 34.



Volkswagen

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 35.



Paris

Veja este exemplo em língua de sinais no DVD. Vídeo 36.

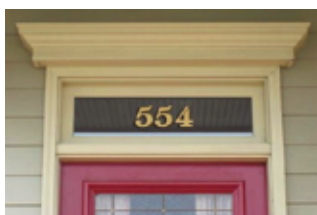
Quadro 8: Exemplo de classificador especificador: Marcas e logomarcas.

Também há o classificador especificador que descreve os números relacionados ao objeto animado e inanimado.



Número da camisa de futebol

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 37.



Número da residência

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 38.



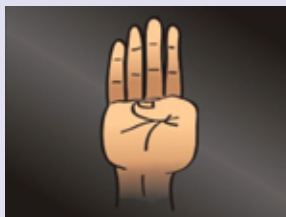
Número de telefone

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 39.

Quadro 9: Exemplo de classificador especificador: número relacionado ao objeto

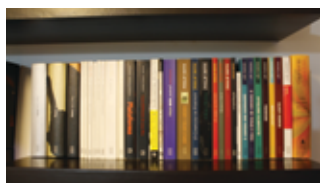
2.1.3 Classificadores de plural

A configuração de mão substitui o objeto em si sendo repetido várias vezes.



Configuração de mão em “b” em movimento para o lado direito

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 40.



Indicando vários livros na estante na posição vertical

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 41.



Em movimento para cima indicando vários livros empilhados

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 42.



Indicando vários carros estacionados um ao lado do outro

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 43.



Carros no pátio da fábrica

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 44.



Muitas árvores (floresta)

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 45.

Quadro 10: Classificadores de plural

Exemplos com a incorporação do objeto repetido várias vezes: um conjunto de potes lado a lado, quadros espalhados na parede.



Um conjunto de potes lado a lado

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 47.



Quadros espalhados na parede (organizados)

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 48.



Quadros espalhados na parede (desorganizados)

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 49.



Cadeiras na roda para brincadeira

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 50.



Cadeiras enfileiradas em auditório

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 51.

Quadro 10: Exemplo de classificadores de plural: conjunto

2.1.4 Classificadores instrumentais

É a incorporação do instrumento descrevendo a ação gerada por ele.



Usar a furadeira

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 52.



Usar o revólver

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 53.



Pintar com o pincel a parede

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 54.



Pintar com o lápis no papel

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 55.



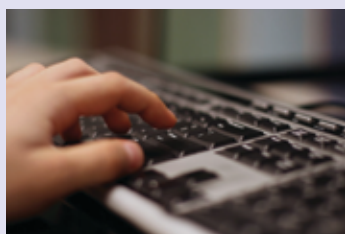
Escrever no papel

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 56.



Escrever na areia

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 57.



Escrever no teclado

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 58.



Escovar cabelo

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 59.



Escovar dentes

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 60.

Quadro 11: Classificadores instrumentais

2.1.5 Classificadores de corpo

É o classificador que descreve como uma ação acontece na realidade por meio da expressão corporal de seres animados.



Relação facial do gato

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 61.



O andar do cachorro

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 62.



O andar do elefante

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 63.



O cabelo grande com faixa

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 64.



O cabelão

Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 65.



Leão bravo

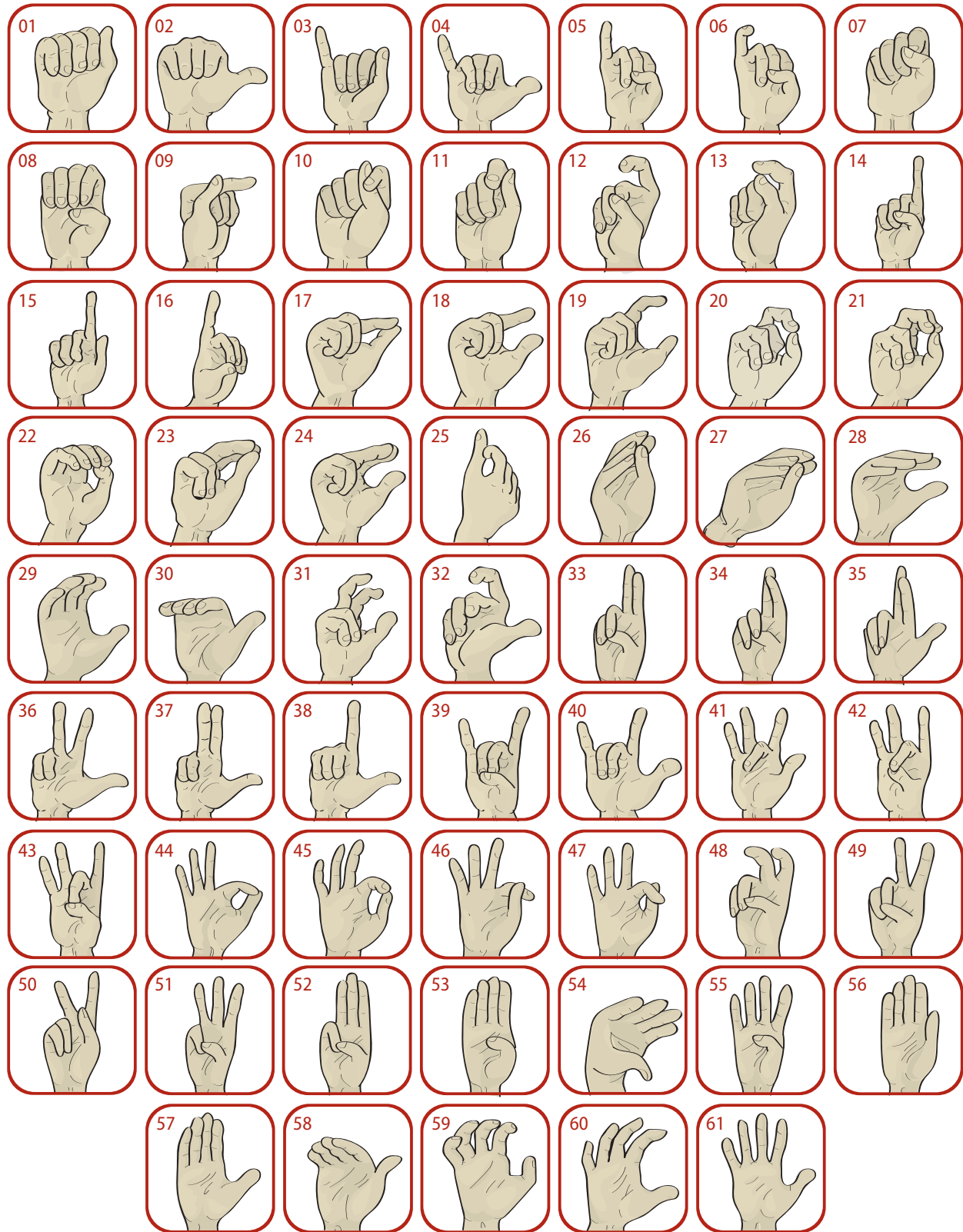
Veja este exemplo em língua de sinais no vídeo 66.

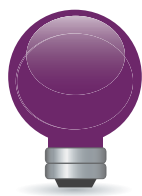
Quadro 12: Classificadores de corpo

2.1.6 Quadro de Configuração das Mãos

Observe agora como é composta a configuração das mãos em LIBRAS.

Configuração de Mãos





Atividades para reflexão

1. Observe o ambiente ao seu redor. Independente onde você esteja, escolha dois objetos e tente classificá-los para cada categoria em LIBRAS: a) Descrição da superfície e b) descrição do corpo associado ao olhar. Para isso utilize o quadro de configuração de mãos.
2. Faça um levantamento das configurações de mãos que são utilizadas como classificadores do corpo. Para isso, veja novamente o quadro de configuração de mãos apresentado anteriormente neste material.

Tópico C

A Língua de Sinais e a Língua Espanhola



3 A língua de sinais e a língua espanhola

Você vai ver agora a língua de sinais e a língua espanhola a partir do viés histórico enfocado, posteriormente, no seu contexto em sala de aula

3.1 O que é *Lengua de Señas* do povo hispânico?

A LS, comumente chamada de *Lengua de Señas* ou de *Signos*, é a língua de sinais utilizada pela comunidade Surda residente ou nascida nos países hispânicos, como Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, e outros países da Europa. Quer dizer também que a comunidade Surda usa esta língua como língua natural para se comunicar com os seus pares no dia a dia.

Historicamente, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon foi instruído para educar as crianças surdas de famílias nobres espanholas e fez muito sucesso pelos seus métodos de ensino.

Inspirado pelo sucesso de Ponde de Leon, outro monge espanhol chamado de **Juan Pablo de Bonet**, passou a usar esses e seus próprios métodos para ensinar os surdos também. Ele usou os métodos anteriores de leitura, escrita e ler os lábios, assim como seu próprio alfabeto manual para educar os surdos. Este foi o primeiro alfabeto conhecido no sistema manual da história da língua de sinais. A Configuração de Mãos (unidade mínima fonêmica) neste alfabeto representadas os sons da fala diferente.

Como a educação de surdos não existia até 1750, o abade francês Charles Michel de L'Épée, criou em Paris a primeira instituição de Surdos-Mudos e foi uma das pessoas mais importantes na língua de sinais.

Uma história comum, recontada através de língua sinais, diz que o abade L'Épée conheceu duas irmãs surdas-mudas por acaso, ao visitar uma das regiões pobres de Paris. A mãe das Surdas-Mudas queria que



Juan Pablo de Bonet

ele educasse suas filhas conforme a sua religião. Depois de descobrir sua surdez, ele se inspirou para educá-las, assim como recolheu os Surdos-Mudos mendicantes nas redondezas de Paris. Logo depois, dedicou sua vida totalmente na educação de surdos.

Assim, o abade Charles Michel de L'Epee estabeleceu a primeira escola pública gratuita para crianças surdas em 1771. Era chamado de Institut National des-Jeune Sourds Muets (Instituto Nacional de Surdos-mudos). O instituo recebia crianças vindas de todo o país a maioria eram crianças que tinham sido excluídas de casa. Nessa escola, as crianças aprendiam com o abade L'Epee a usar sinais diferentes. Ele usou os sinais que ele aprendeu dos surdos nativos e passou a ensinar aos seus alunos franceses.

As pessoas Surdas que aprenderam dentro das instituições, tornaram-se professores e viajaram para países afora, mesclaram a língua de sinais espanhola em terras hispânicas, de acordo com a cultura e dos usos de comunicação das pessoas nativas. A língua de sinais, assim como no espanhol oral, tem suas variantes de um país para outro. Cada país tem sua variante, e até mesmo os grandes países tem língua própria, é assim com a língua de sinais colombiana e a língua de sinais mexicana. Portanto, existem variações linguísticas entre nas terras hispânicas.

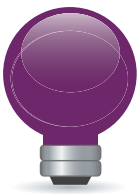
3.2 Alguns apontamentos iniciais sobre Integração de Surdos

Você já deve ter percebido que o desafio é como integrar o aluno surdo na sala de aula de língua estrangeira, em nosso caso, o espanhol. Essa reflexão não está longe de acabar e tampouco há respostas definitivas. O fato é que devemos construir juntos uma escola integradora, *inter* e *multicultural*, que respeite a diversidade na sala de aula. A língua estrangeira tem muito a contribuir para esse fim, basta pensar em propostas inovadoras e de integração de pessoas surdas sem fechar o foco para prescrições já pré-estabelecidas no ensino. Conforme Medeiros e Ferreira (S/d, online) “ainda precisamos de muita reflexão teórica e for-

mação prática dos educadores” voltados para a educação inclusiva.

Para maiores informações, consulte algumas referências sugeridas no AVEA sobre proposta de integração de jovens surdos na escola. De antemão, damos algumas sugestões:

- Inglês para alunos surdos: quem será de fato o incluído – o professor ou o aluno? <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/pontodevista.php>>
- Integração Escolar do Aluno Surdo <http://www.ines.gov.br/ines_livros/32/32_006.HTM>
- Metodologias específicas ao Ensino de Surdos <http://www.ines.gov.br/ines_livros/13/13_PRINCIPAL.HTM>
- Aprendizagem de Língua Estrangeira: um direito do aluno surdo <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/720_827.pdf>
- O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos <www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=152129>



Atividades para reflexão

- a. Observe no site <<http://manosquehablan.com.ar>> que se dedica especificamente a língua de sinais argentina, e no site <<http://www.sematos.eu/lse.html>> que se dedica especificamente a língua de sinais espanhola, tentando perceber as proximidades e as possíveis variações linguísticas da língua de sinais do povo hispânico. Socialize com seus colegas do polo as aproximações e distanciamentos encontrados.
- b. Navegue por esses sites e outros mais sugeridos em nossa Web Re-

ferência e veja a riqueza de materiais e recursos utilizados. Explore esses materiais e depois responda:

- Para qual público estão direcionados esses sites?
 - Que tipo de informação está presente neles?
 - O que lhe chamou mais a atenção e por quê?
 - Pode-se estabelecer alguma relação com o que você aprendeu no Tópico 2? O quê? Justifique a sua resposta.
 - Você acha que se comunicar em língua de sinais é traduzir do português para a língua de sinais? E se essa correspondência se der em outra língua estrangeira? O que você pensa sobre tradução e interpretação de língua de sinais?
- c. Além de revisar o que você já aprendeu e refletir sobre a introdução à língua de sinais hispânica que tentamos passar, reflita agora sobre a importância do seu ensino para alunos surdos brasileiros. O que ensinar? Como ensinar? Quais os objetivos pedagógicos? O que fazer? Você já pensou nisso? Aproveite para visitar as disciplinas de prática de ensino e língua espanhola para enriquecer a sua argumentação. Visite também os sites do item 3.2 e faça uma leitura cuidadosa e crítica. Com certeza essas leituras ajudarão você a argumentar sobre esse item.

Visite os jogos sugeridos nos sites de nossa WEB Referencia e no AVEA. Com certeza eles ajudarão a memorizar e aprender algo mais sobre a língua de sinais.

Referências

- ALLAN, K. Classifiers. *Language*, 53: 285-311, 1977
- AIKHENVALD, Alexandra. 2000. *Classifiers: A typology of noun categorization devices*. New York: Oxford University Press.
- BELLUGI, U. & KLIMA, E. vanHOEK; LILLO-MARTIN, D.; O'GRADY, L. *The acquisition of syntax and space in young deaf signers*. In *Language Development in Exceptional Circumstances*. Churchill Livingston. 1988. p.132-149.
- BAKER, C. & COKELY, D. *American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture*. [s.l.,s.n.] 1980.
- BELLUGI, U. & KLIMA, E. *The Roots of Language in the Sign Talk of the Deaf*. *Psychology Today*. [s.l.s.n.] 1972.
- BERENZ, N. & FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. In *Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research*. Lappeeranta, Finlândia. 1987. p. 26-36.
- CAMPELLO, Ana Regina. *Constituição da Língua de Sinais Brasileira*. Em prelo para dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CENTURIÓN, Marília. *Porta Aberta: Matemática*. Ed. Nova, FTD: São Paulo, 2005
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro: INES, 1995. http://www.ines.org.br/ines_livros/SUMARIO.HTM
- LOEW, R.C. *Roles and Reference in American Sign Language: A Development Perspective*. Doctoral Thesis. University of Minnesota, 1984.
- LILLO-MARTIN, D. & KLIMA, E. Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. In: *Theoretical Issues in Sign Language Research*. v.1: Linguistics. Chigago, IL: University of Chicago Press, 1990. p. 191-210.
- LYONS, J. *Semantics*. New York:Cambridge University Press, 1977
- PIMENTA, Nelson. *Aprendendo LSB*. Complementação. Livro do aluno. Rio de Janeiro: LSBVideo, 2004
- SUPALLA, T. *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language*. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego, 1982.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Webreferencia

- a. **Aprende lengua de Señas Española** - <http://aprendelenguadesignos.com/saludos-y-preguntas-en-lengua-de-signos-espaola-los-sentidos-en-lse/>
- b. **Sematos.Eu** - <http://www.sematos.eu/lse.html>
- c. **Sordopolis** - <http://www.teatrosordos.org.mx/sordopolis.php>
- d. **Hablar con las manos** - <http://www.hablarconlasmanos.net/>
- e. **Sitio de sordos** - <http://www.sitiodesordos.com.ar/alfabeto1.htm>
- f. **Biblioteca de Signos** - <http://bib.cervantesvirtual.com/ccion/signos/index.jsp>
- g. **Adiós a la sordera** - <http://www.adiosalasordera.com/singLang/lenguaje.htm>
- h. **Hablar con las manos** – Traductor <http://manosquehablan.com.ar/traductor/>
- i. **ARASAAC** - <http://www.catedu.es/arasaac/herramientas.php>

